

COMITÊ DE MUDANÇA DO CLIMA E ECOECONOMIA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Ata da 37ª reunião ordinária, realizada em 16 de dezembro de 2014

Em 16 de dezembro de 2014, o Comitê de Mudança do Clima e Ecoeconomia do Município de São Paulo promoveu sua 36ª reunião ordinária, realizada na Universidade Aberta do Meio Ambiente e da Cultura de Paz – UMAPAZ, situada na Av. Quarto Centenário, 1268 - Parque Ibirapuera - Portão 7A - São Paulo – SP, às 09:30 h.

A Pauta prevista foi a seguinte:

Expediente:

- Leitura e aprovação da Ata da 36ª reunião ordinária, realizada em 18 de novembro de 2014
- Deliberação acerca do calendário de reuniões de 2015
- Informes gerais
- Sugestões para inclusão nesta Pauta

Ordem do Dia:

- Apresentação do estudo "As ondas de calor em fevereiro de 2014 e o excesso de mortes no município de São Paulo", pela Matemática e Epidemiologista Patrícia Carla dos Santos
- Apresentação do "Mapeamento das Árvores do Sistema Viário de São Paulo e o Sistema de Gerenciamento de Árvores Urbanas", pelo Engenheiro Florestal Danilo Mizuta, da Assessoria Técnica de Obras e Serviços - Áreas Verdes da Secretaria Municipal de Coordenação das Subprefeituras
- Sugestões para inclusão na pauta das próximas reuniões.

Laura Ceneviva (Secretária Executiva do Comitê): Bom dia a todos. Vamos dar início à nossa reunião do Comitê de Mudança do Clima de São Paulo. Agradeço a presença de todos.

Contamos com a presença de representantes da Secretaria de Relações Internacionais, Secretaria da Habitação, a Lilian Sarrouf (SINDUSCON), que irá se ausentar e será substituída pela Mariana Carriles (SINDUSCON) que tomará assento na mesa. Temos também representantes do Alfred Szwarc da FIESP, que também poderá tomar assento na mesa. Anoto que a Patrícia Marra Sepe da Secretaria de Desenvolvimento Urbano não poderá vir devido as suas férias. Então, com todos os presentes, na presença do presidente do Comitê, o Secretário do Verde e do Meio Ambiente, nós vamos dar início à reunião de hoje.

Wanderley Meira do Nascimento (Secretário do Verde e do Meio Ambiente, Presidente do Comitê): Bom dia a todos e a todas para mais essa, 37ª reunião do Comitê. Costumo usar estes fóruns para dar alguns informes da Secretaria. Nós temos um informe importante, há 3 semanas fomos para Santiago do Chile para levar uma proposta para as Nações Unidas para que eles fossem parceiros nosso em um grande evento, o “Encontro das Metrôpoles”, a se realizar em junho na cidade de São Paulo. Após debater e demonstrar qual o nosso interesse e o conteúdo da conferência, eles nos fizeram uma proposta interessante e acabou-se produzindo uma pauta comum. Pretendemos que essa Conferência seja audaciosa, que seja um consenso das metrôpoles, o Consenso de São Paulo, sobretudo em 4 eixos estruturantes: economia urbana, desigualdade urbana, geração de renda e ecologia urbana, tendo como pano de fundo o financiamento público como problemática para a maioria das cidades da América Latina, ou seja, a demanda versus a capacidade de recursos. A única novidade foi que saímos de São Paulo como uma proposta tímida em relação ao meio ambiente e voltamos de lá com a proposta mais robusta, ganhando um eixo estruturante que é a ecologia urbana. Informo também que acontecerá na Cidade de São Paulo, no Parque Ibirapuera inteiro, uma mostra nacional de meio ambiente de 24 de setembro ao dia 4 de outubro, aceitamos sugestões de mesa redonda, palestras para montagem da programação. O próprio 4º Congresso de Arborização Urbana irá acontecer neste período para compor essa pauta, bem como uma série de debates e oficinas. Agradeço aqui ao Comitê pelas observações e manifestações, inclusive algumas delas colocarei na pauta da Secretaria, incluindo a do Olímpio com relação aos filtros, pois estou muito preocupado com a questão da inspeção veicular e com alguma alternativa a esse processo. Podemos, por meio do recurso do FEMA, começar um piloto imediatamente, colocando esses filtros em uma quantidade razoável de ônibus. Talvez este fórum aqui possa fazer uma provocação de propor um PL, ou uma legislação municipal, que obrigue esses filtros ao longo do tempo. Acho que este fórum talvez seja o mais apropriado para essa discussão, e esse encaminhamento. Com relação à inspeção veicular em conversa com o Secretário Estadual de Meio Ambiente, Rubens Rizek, há alguns dias, temos a intenção de provocar alguma agenda com o Governador e levar a questão da inspeção veicular para o Estado de São Paulo, em princípio implantar em um primeiro momento no mínimo no âmbito da região metropolitana de São Paulo.

Laura Ceneviva: Obrigada, Secretário. Então vamos passar à nossa pauta. O primeiro item, a leitura e a aprovação da ata da 36ª reunião ordinária. Pergunto se alguém tem algum reparo a fazer à ata. Não? Então consideramos a ata aprovada. Lembrando que eu encaminhei aos senhores a correção da ata anterior, corrigindo o nome do Belô. O segundo ponto de pauta é a deliberação acerca do calendário de reuniões de 2015. Nós mantivemos

a terceira terça-feira do mês, tendo algumas variantes. Em janeiro não haverá reunião e em Fevereiro e Março, ficou um pouco confuso por causa de Carnaval e a Semana Santa, sendo que a primeira reunião do ano está prevista para o dia 10 de fevereiro, que é a terça-feira antes do Carnaval. De resto, ficou mantido tudo na terceira terça-feira. Pergunto se alguém tem alguma coisa contra, alguma sugestão, algum comentário. Não? Então consideramos aprovado esse calendário de reunião, que já está fixado para o ano que vem. O terceiro ponto de pauta nosso, são os informes gerais. Eu vou começar os informes, referindo-me ao grupo de trabalho para regulação do artigo 119 do Plano Diretor, que a gente ainda não conseguiu publicar a constituição da portaria porque tivemos dificuldades em obter indicações de várias instituições, faltando ainda a indicação de 2 nomes ainda antes da publicação. Irei chamar todas as instituições que se dispuseram a participar deste grupo de trabalho, para pelo menos, a gente tentar fazer uma reunião, ou uma conversa por e-mail mesmo, para estabelecer um plano para já chegar na próxima reunião, em janeiro, com tarefa feita. Pergunto aos membros se alguém tem algum outro informe a fazer. Então muito obrigada. Pergunto se tem alguma sugestão de inclusão na pauta, além daquelas que o próprio Secretário aqui já fez. O Secretário lembrou-se de um informe.

Wanderley Meira do Nascimento: Desculpe. Eu acho que esse informe é importante. É sobre as sacolinhas de plástico do supermercado. Fizemos reuniões com a Associação Brasileira de Supermercados, Associação Brasileira de Supermercados de São Paulo e representante do Sindicato dos Plásticos e depois juntamos todos para chegarmos a um consenso. Juntamente com a AMLURB optamos por não proibirmos e sim substituímos as sacolinhas, uma verde para matéria reciclável e uma cinza para descarte de lixo comum, acompanhado de toda uma campanha de coleta seletiva e educação ambiental que o governo acatou, por ser mais educativo.

Laura Ceneviva: Obrigada, Secretário. Pergunto: alguma sugestão de pronto? Estamos sempre abertos a sugestões O Olímpio tem sugestão, ele é convidado nosso, membro da Associação Nacional de Transporte Público.

Olímpio de Melo Álvares (membro da Comissão de Meio Ambiente da ANTP): Eu só queria confirmar uma sugestão de inclusão de pauta que eu já fiz na reunião passada, e reforçando agora, em nome do WRI, do World Resource Institute, que está trabalhando em um projeto muito interessante aqui em São Paulo, na Berrini e outro na Marginal Pinheiros, na gestão de demandas de viagens corporativas das empresas que são vizinhas. Eles estão fazendo uma otimização das viagens de casa-trabalho, trabalho-casa, dos funcionários que moram na região, para diminuir em cerca de 20% o número de viagens motorizadas em transporte individual, do conjunto de funcionários que trabalham nessa empresa. E uma das estratégias dessa gestão de viagens é o teletrabalho. É o incentivo à implementação do teletrabalho, onde ele for pertinente. Não dá para instalar o teletrabalho onde ele não cabe. Então nós nos colocamos à disposição para fazer uma apresentação sobre os detalhes desses projetos.

Laura Ceneviva: Obrigada, Olímpio. Só para complementar: em 2011, ou 2010, não lembro, quando esse debate começou lá na Berrini, eu participei de algumas discussões lá. A pauta do teletrabalho está anotada, não se preocupe, isso daí será incluído. Obrigada pela sugestão. O próximo ponto de pauta é a apresentação de estudo sobre as ondas de calor em fevereiro de 2014. É muito positivo recebermos uma reflexão tão próxima, que ajuda a gente a conhecer as

questões que afetam a cidade. A apresentação será "As ondas de calor em fevereiro de 2014 e o excesso de mortes no município de São Paulo", pela Matemática e Epidemiologista Patrícia Carla dos Santos, da Secretaria Municipal de Saúde. Agradecemos à Secretaria de Saúde, a você, Patrícia, ao Nelson, que é o membro do Comitê, pela disposição.

Patrícia Carla dos Santos (Matemática e epidemiologista da Secretaria Municipal de Saúde): Bom dia. Eu agradeço o convite feito pelo Nelson, pela Laura, para participar dessa reunião hoje, para podermos apresentar esse trabalho feito por nossa equipe, composta por mim, a Marília que está aqui, a Fátima, o Marcos Drummond, todos da CEInfo, e o Vitor que era um residente em medicina preventiva, que estava fazendo um estágio na CEInfo, na época. O início do trabalho se deu a partir de alertas da imprensa sobre ondas de calor em fevereiro, quando fez muito calor na cidade, com temperaturas acima da média. Saiu uma entrevista da chefe do serviço funerário, contando do aumento das mortes no município. Essa notícia chegou até a CEInfo e montamos um grupo de trabalho para poder analisar se estava mesmo havendo um aumento de óbitos, e se esse aumento de óbitos era devido mesmo ao calor atípico que estava fazendo na época. A nossa primeira questão foi: qual a definição de onda de calor? A segunda foi: houve mesmo excesso de mortalidade nesse período? Então iniciamos o estudo para responder essa pergunta. Qual o impacto das condições climatológicas no município de São Paulo, no período de dezembro de 2013 a fevereiro de 2014, na mortalidade? **APRESENTAÇÃO ANEXA**

Para finalizar, dada toda essa análise descritiva que fizemos, entendemos que houve em São Paulo uma onda de calor, com características parecidas às que já foram estudadas na Europa, em outros países. E lendo, e tendo acesso a vários relatórios, percebemos que esses fenômenos são cada vez mais comuns. Os efeitos disso são mais percebidos nas grandes cidades, com pouca cobertura vegetal, e com pouca precipitação e com a poluição, que propicia a formação de ilhas de calor. Isso precisa receber um olhar melhor da saúde, porque isso acaba impactando outros sistemas, também. Onde não tem cobertura vegetal, a temperatura realmente é maior. Então a população que reside nessas áreas sem cobertura vegetal acaba sofrendo mais os impactos da temperatura. Nos grandes centros, as condições climáticas são determinantes, e acabam sendo mais um fator que a saúde precisa olhar, para poder entender o que acontece na cidade, e poder interferir de alguma forma. É nesse sentido que, quando nós estávamos fazendo e terminando o estudo, conversamos com o pessoal da COVISA, que é a vigilância e saúde, para serem nossos parceiros e ajudarem a divulgar isso, para começarmos a monitorar isso, com mais cuidado. Temos um plano agora de monitorar esses eventos climáticos na cidade, juntamente com a mortalidade, para podermos, juntamente com os serviços de saúde, alertar a população e os agentes públicos, como um todo, para esse problema. Agradecemos ao pessoal do CGE, que nos recebeu para um trabalho conjunto e o pessoal da COVISA, que nos ajudou com o boletim. E muito obrigada pela atenção e pela oportunidade.

Laura Ceneviva: Obrigada, Patrícia. Foi bastante interessante ver o trabalho de vocês, e curioso observar como ele nasceu. Abriremos a palavra a quem tenha questões. Fernanda

Fernanda Bandeira de Mello (representante da Secretaria de Energia do Estado de São Paulo): Parabéns para a equipe. Patrícia, eu queria fazer uma pergunta que acho que é

natural a todos. E os próximos passos? Quer dizer, existe, nesse vasto estudo que vocês fizeram, existe condição de antecipar quando isso irá para acontecer? Alguma campanha para que essas mortes sejam evitadas? Acho que a missão aqui desse Conselho é tentar reverter algumas coisas, mas do ponto de vista das mortes, não tem muito que a gente possa fazer no curto prazo. Eu pergunto se existe alguma coisa que vocês pensaram ou um plano para monitorar isso? Existe isso como vocês estudaram em outros lugares?

Nelson Figueira Junior (representante da Secretaria Municipal de Saúde): A Patrícia é da área do Centro de Epidemiologia e Informação da Secretaria de Saúde. É um setor meio, para dar suporte ao que anda acontecendo pela saúde. O grande investimento foi na prevenção para esse tipo de situação, instituíram um GT na Saúde, para desenvolver sistemas de alerta para essas situações extremas de temperatura e de clima. Esse estudo representa a necessidade de um reinvestimento nessa questão dos eventos extremos, ligados às questões ambientais ou à saúde ambiental.

Dirceu Rioji Yamazaki (representante da Secretaria de Saneamento e Recursos Hídricos do Estado de São Paulo): Bom dia a todos. Parabéns pelo estudo. Muito interessante. Apenas a título de sugestão, acho que a demonstração do impacto do clima com as mortes ficaria mais patente se vocês correlacionassem isso com a ilha de calor. Por exemplo, se tem um mapa lá, que é a região central de São Paulo, é muito mais quente do que a periferia de São Paulo. Ou seja, esse excesso de 793 óbitos que ocorreram, ocorreram em que região? Precisa regionalizar isto, eu acho que seria uma forma de vocês demonstrarem melhor, inclusive, o impacto do calor, relacionado com as mortes. Foi feito esse estudo?

Patrícia Carla dos Santos: Esse é o próximo passo. Continuaremos o estudo. Em outra apresentação que fizemos, uma pesquisadora, a Evangelina, do Instituto de Sustentabilidade e Saúde, sugeriu a utilização dos dados de ozônio e de poluição para verificarmos a relação, e também a temperatura e a umidade porque possuem uma relação com poluição. Pretendemos regionalizar os dados, para saber quais foram as pessoas mais afetadas e onde elas estão.

Laura Ceneviva: Obrigada, Patrícia. Dirceu era essa a pergunta que eu iria fazer. Faltou o mapa de pontos na tela. Porque até para nós, que somos Meio Ambiente, isso é fundamental. Se você enxerga essa vulnerabilidade expressa em mortes, com o mapa da cobertura vegetal, e com outras coisas que existem no município, você até apontaria prioridades de intervenção. Então é fundamental ter esse mapa de pontos, para ver onde é que estão as mortes. Embora seja pouco provável que isso ocorra, mas poderíamos até encontrar uma fonte pontual de emissão de poluentes, que pudesse fazer mal à alguma população. De toda forma, o mapa de pontos é essencial com o endereço desse povo todo que morreu, para ver onde eles estão.

Patrícia Carla dos Santos: Quando pegamos os dados do CGE¹, tiramos uma média de todas as estações do CGE e uma das perguntas que fizemos foi, qual é o raio que eu posso

¹ CGE – Centro de Gerenciamento de Emergências da Prefeitura do Município de São Paulo.

considerar em volta de uma determinada estação, que está com aquela temperatura que aquela estação mediu? Falaram-nos que isso era muito difícil de mensurar, porque existe estação que é no alto do prédio, outras embaixo, outras que eles deslocam de um local para outro, nos deram até as coordenadas das estações e temos conversado sobre uma melhor metodologia para podemos fazer esse estudo, por região.

Laura Ceneviva: Obrigada. O Nelson fará um comentário, depois será o Secretário Vanderlei.

Nelson: No CEInfo, existe um outro dispositivo interessante, que é o painel de monitoramento. E esse estudo, na verdade, é um grande marco na área, ele vai disparar vários interesses em expandir, em refinar esse olhar. De a gente acompanhar como é que isso passa a acontecer no município ao longo dos meses, vai ajudar ainda mais a instituir esse olhar das questões ambientais ligadas à Saúde.

Secretário Wanderley Meira do Nascimento: Parabéns pelo trabalho que foi muito importante aqui para todos nós. É incrível que ainda hoje várias pessoas, inclusive dirigentes, ainda não acreditem nisso. Insisto que nosso inventário das emissões de gases de efeito estufa, é muito focado nos dados científicos que são de excelente qualidade, mas não possuem a pedagogia necessária para levar essa magnitude, a importância desse debate, para a sociedade como um todo. Acredito que ele deva conter também esses dados, bem como o trabalho do professor Saldiva, pois uma coisa é você soltar para a imprensa e dar publicidade a um assunto das emissões de gases de efeito estufa e CO₂ e a população não saber o que é CO₂. Mas, ela com muita clareza entenderá, se souber que essa quantidade de mortes está relacionada à poluição do ar na cidade de São Paulo no ano e quanto o SUS gasta. O próprio Prof. Saldiva possui esse levantamento. Nesse sentido o nosso inventário poderia dar uma contribuição, inclusive, para o Brasil, já que o CB27 já está caminhando para ter uma metodologia única de inventário que até hoje não tinha e, se São Paulo sair na frente, com essa proposta, eu penso também, vai acabar ditando, uma regra para o Brasil, como um todo, para o bem da nação. E para que tenhamos cada vez mais dados concretos, e fazer esse enfrentamento com mais propriedade só irá acontecer de fato quando trouxermos a sociedade como parceira. E para trazê-los como parceiros temos que ter a linguagem fácil, didática e explicativa. Muito obrigado, mais uma vez, pelo bom trabalho que vocês fizeram.

Laura Ceneviva: Obrigada, Patrícia. Obrigada, Nelson. Porque o que o Secretário falou é aquilo que nós vivenciamos, quando falamos da mudança do clima. O planeta é muito distante, mas quando falamos que as pessoas morreram em decorrência dessas mudanças climáticas fica mais concreto, fica mais fácil trazê-los para essa realidade. Nelson.

Nelson: Toda vez que eu penso no trabalho desse Comitê aqui, na representação da Saúde nesse Comitê, penso que todas as políticas que são trazidas para o debate aqui, a saúde é o foco. E isso é extremamente interessante. Então, quando me perguntam o que se discute nesse Comitê, eu falo de todas as políticas, de mobilidade, de uso e ocupação do solo, da questão da matriz energética, enfim, tantas outras que a gente discute aqui. E fico pensando isso: se a política de saúde pudesse falar, elaalaria que o lugar que ela se sente melhor é aqui. Porque é o tempo todo, do que se faz, do que se diz aqui, visa melhorar, proteger a saúde das pessoas, proteger a vida das pessoas. E nada melhor do que dizer quem são essas pessoas. Eu acho que é a Saúde

que pode dizer isso. Onde que elas estão, como é que elas estão sendo afetadas. Então, essa aproximação com o centro de informação, ela, realmente, é bastante promissora.

Laura Ceneviva: Muito obrigada. Obrigada, Patrícia, obrigada a todos os colegas que estão aqui presentes, da Secretaria da Saúde que tiveram participação no estudo. Nós estamos sempre à disposição para receber e para fornecer aquilo que seja possível para melhorar nossa condição de vida em São Paulo. Bom, nós temos ainda, mais outro estudo, com uma natureza diversa daquele do de vocês. O próximo ponto de pauta é “O mapeamento das árvores do sistema viário de São Paulo e o sistema de gerenciamento de árvores urbanas” pelo engenheiro florestal Danilo Mizuta, da Assessoria Técnica de Obras e Serviços de Áreas Verdes da Secretaria Municipal de Coordenação das Subprefeituras. Obrigada, Danilo, pela presença. Enquanto você se ajeita, farei uma observação, tivemos uma apresentação que trata do impacto das emissões, ou da alteração da condição climática, e o trabalho que o Danilo vai apresentar, embora ele não seja objetivamente sobre isso, é um trabalho que fala na remoção de carbono da atmosfera. É outra fase da questão da mudança do clima. Então hoje, nós tivemos duas apresentações. Uma nas emissões, e outra nas remoções. Embora sem tratar objetivamente desse processo, mas é para estarmos sempre pensando que nossa pauta não é só a desgraça, não é só a emissão, mas também o processo de remoção.

Danilo Mizuta (Engenheiro Florestal da Assessoria Técnica de Obras e Serviços de Áreas Verdes da Secretaria Municipal de Coordenação das Subprefeituras): Bom dia a todos. Primeiramente, Eu nunca pensei que uma apresentação anterior pudesse estar tão ligada ao meu tema, assim sem querer. Lendo o informativo que eles encaminharam, tentarei relacionar um pouco com arborização urbana da cidade de São Paulo e com o mapeamento das árvores. Falarei dos objetivos finais rapidamente, que é quantificar por distrito, por subprefeitura, esse mapeamento dessas árvores e buscando saber sua localização e coordenada geográfica, integrá-los com o sistema de gerenciamento de árvores urbanas. Isso permitirá uma melhor contratação de serviços por logradouros, pois apesar de árvore urbana ter uma questão ambiental embutida nela, para a Secretaria de Coordenação ela também é muito importante no tocante a todo o trabalho de poda, todo o trabalho de remoção de árvores realizado pelas subprefeituras. Então conhecer a arborização, se reflete na questão ambiental, e também reflete na questão de limpeza urbana. **ANEXA A APRESENTAÇÃO**

Laura Ceneviva: Obrigada, Danilo, pela apresentação. Pergunto se alguém tem alguma questão para ser endereçada. Fernanda, por favor. Nelson.

Fernanda: É uma curiosidade, Nelson. Às vezes, antes do fim da vida normal da árvore, ela precisa ser abatida antes que ela caia, devido talvez devido à infestação por cupim. Então uma vez removida uma árvore, como fazemos para plantar no mesmo lugar? O ideal seria que conseguíssemos recuperar esse patrimônio na medida em que temos a necessidade de retirar um indivíduo adulto. Então, tem o problema de tirar o toco. São árvores muito antigas, com ocupações, no subsolo, muito grandes. Qual seria a solução?

Danilo: A lei 10.365/87 exige o plantio de uma nova árvore da mesma espécie daquela que foi removida, se não for possível no mesmo lugar em outro lugar mais próximo, mantendo sempre a densidade arbórea da região.

Laura Ceneviva: Danilo, posso te cortar um pouquinho? Eu acho que a pergunta da Fernanda é mais no sentido de como é que se faz para tirar o toco, como é que se dilui o toco?

Danilo: Remoção de toco é um processo muito oneroso, mas está incluso dentro do serviço. Se for demorar demais para remover esse toco, talvez seja o caso de realmente fechar a calçada onde está o toco e plantar em um lugar próximo. Se for o caso de remover o toco, você realmente tira o toco que está ali, manualmente, triturando todo o toco. E depois você o retira. Então você poderá plantar depois de um tempo, no mesmo local.

Nelson: É evidente a correlação entre os dois temas. Dizem que a zona Leste, ela possui uma temperatura mais elevada, em função da falta de arborização e é está demonstrado aqui o quanto é fundamental ter os dados para conhecer essa realidade. A outra questão é justamente como será a sobrevivência desses indivíduos arbóreos nessas calçadas no município de São Paulo? Existe algum estudo para rearborizar a cidade?

Danilo: Para começar a rearborizar precisa realizar um inventário na cidade para saber o que existe para saber o que se vai tirar. Pela Portaria da Secretaria do Verde, pode-se até remover algumas árvores que são invasoras, mesmo com sua fitossanidade íntegra. A questão sobre isso é que às vezes, essa árvore talvez seja a única árvore daquele local, não vale à pena remover essa árvore, pois esta árvore está prestando um serviço ambiental para aquela região. Não é só uma questão da sanidade ou uma questão de lei. Precisamos saber o que retirar, avaliar, identificar-se aquela com risco de queda e removê-la. Conhecendo o que se tem, sabendo o que pode plantar, sabendo que tipo de calçada existe na cidade, aí sim, podemos planejar, requalificar e melhorar a arborização.

Laura Ceneviva: Obrigada. O Secretário Wanderley quer fazer um acréscimo relevante.

Secretário Wanderley do Nascimento: Nelson, respondendo a sua pergunta é meta do governo plantar 1 milhão de árvores na cidade de São Paulo, já plantamos e catalogamos em torno de 180 mil árvores, isto é uma meta da que está na Secretaria do Verde e estávamos aguardando, na verdade esse trabalho virar um instrumento para começarmos a mapear onde plantar na cidade. Olhando o mapa da cidade têm-se a impressão que podemos plantar em toda cidade pela falta de árvores, mas há entraves como calçadas, lojas, tudo que se tem direito. Estamos trabalhando em cima desse estudo para começarmos a desenvolver o plantio. Mas um plantio com seriedade e qualidade. Para a Organização Mundial da Saúde, ao que se diz, é necessário 12 metros quadrados de área verde por habitante, a cidade de São Paulo está em torno de 3, 17, está muito ruim. Mas se levamos em conta os parques e as APAs, aí ela ultrapassa a média mínima, que daria em torno de 14% para São Paulo. Daí a importância de se fazer a defesa das nossas APAs. Quer dizer, se não fossem as APAs, nosso pulmão estaria muito pior. Há pouco, o próprio prefeito tomou a iniciativa, ele é muito preocupado com algumas questões temáticas importantes para a cidade, ele acha que precisamos plantar árvores em São Paulo, contudo, os técnicos sempre fazem uma observação da dificuldade e elas existem mesmo. Nós estamos fazendo um piloto agora, de plantar árvore no asfalto, literalmente. Então nós

começamos a discutir o seguinte: por que tem que ser, necessariamente, no passeio? Ele mesmo colocou na questão do estacionamento, das sombras. Por que não começarmos a plantar árvores no intervalo dos carros, na zona azul? No espaço entre um carro e outro. Se for interessante, se der certo, claro, nós vamos começar a fazer esse plantio na cidade de São Paulo.

Laura Ceneviva: Obrigada, Secretário. Próximo inscrito é o Odair.

Odair Henrique Neto (representante da Secretaria do Governo Municipal): Danilo, bom dia. Nós já sabemos, geograficamente, onde as árvores estão em todas as 32 subprefeituras, isso está disponível para o público, desde ontem, pelo Geosampa. Só ativar a camada, entrar no Geosampa, e aí nós teremos a localização ou a visualização, a pesquisa de cada um desses pontos verdes. Uma pergunta: com a publicação do Geosampa, e a publicação onde todas as camadas de informações geográficas que a SMDU está fazendo junto com esse seu trabalho, e o trabalho de outras Secretarias, ativando a quadra viária, ativando a quadra fiscal, você tem a calçada. E sabendo onde elas estão ou não estão, só com essa informação, sem o subsolo, sem a canalização, sem a galeria técnica, só com isso, já dá para fazer um plano de arborização?

Danilo: Bom, a resposta é sim, no sentido quantitativo. Mas existe alguma estimativa de quanto poderíamos preencher o viário com essa base de informação? Plantar sem contar a questão do subsolo? Porque uma das grandes coisas que se leva em consideração ao colocarmos uma árvore no chão é o rebaixamento de guia, porque se porventura tiver uma construção como ficaria a entrada da futura residência se tiver essa árvore bem no meio? Ela provavelmente terá que ser removida por algum motivo. Outra questão é a passagem de encanamento da Comgás e o poste e a fiação da Eletropaulo? Então são três instâncias que são respeitadas, para podermos plantar uma árvore. Por isso que ela é uma ferramenta. Ela é a solução? Não. Mas ela é o início da solução para o plantio.

Odair: No início, nós tínhamos algumas estimativas que chegavam a 2 milhões de árvores no viário. Hoje, nós temos 635 mil. Você acha que dá para plantarmos mais um milhão de árvores no viário?

Danilo: Pelo espaço, dá. Existem umas pesquisas de urbanistas, em que o ideal seria uma árvore a cada dez metros. Mas isso não tem consolidação científica, não leva em conta toda questão do urbanismo que existe na cidade de São Paulo. Mas é um início. É uma baliza. Como até o próprio Secretário diz, 12 m² é um número. É a Organização Mundial de Saúde que diz junto com a ONU. Mas seria interessante, talvez, que o Brasil construísse o seu índice. Que é o que vem se discutindo nos Congressos de arborização urbana.

Secretário Wanderley do Nascimento: Danilo, uma observação em relação a este assunto, é o número de um milhão de árvores que eu não sei da onde que vem. Gostaria de plantar 10 milhões, mas não podemos esquecer que a árvore também não é só no viário, as bordas das APAS estão deficientes, sob pressão urbana, sobretudo no Capivari e na Cantareira, estamos fazendo o levantamento o quanto seria necessário de árvores para recuperar a borda da Cantareira. E também recuperar os parques, muitos que são parques só nos nomes, sobretudo na periferia, da zona leste, recuperar o mínimo de área verde para o conforto de todos. Além de recuperar os parques lineares que carecem de vegetação. Até

porque, eu não posso colocar nada lá de construção, porque está na área de APP. Essa é a primeira vez que se tem um inventário das árvores? Nunca houve?

Danilo: Sim. É a primeira vez. A primeira iniciativa foi agora.

Secretário Wanderley do Nascimento: Então a cidade de São Paulo possui uma série de marcos regulatórios que parecem uma brincadeira como o da arborização, do inventário, todos eles nunca tinham sido feitos bem como o dos resíduos sólidos que nunca foi realizado. E vai por aí afora. Então assim, mais uma vez aí, parabenizá-los aí, pela importância do trabalho, sem dúvida.

Laura Ceneviva: Obrigada. A Fernanda está inscrita. Pergunto se mais alguém quer se inscrever. Nós já estamos nos aproximando do final da reunião de hoje. Então se depois, alguém dos presentes quiser endereçar alguma palavra... Fernanda.

Fernanda: É preciso cuidar das árvores que existem, porque se retirar um indivíduo adulto e plantar vários indivíduos, na esperança que eles sobrevivam nesse clima e adversidade que temos. Espero que não plantemos árvores no asfalto. Que plantemos em terreno que elas possam crescer sem que ninguém passe em cima, com capacidade de penetração de água e de adubação. Este período, eu e os meus colegas lá da rua, adubamos as árvores das nossas calçadas, porque eu nunca vi ninguém fazendo isso. Não vejo a prefeitura sair com um saco de esterco adubando as árvores que estão na calçada. A AES Eletropaulo não é nossa parceira. Nós precisamos tirar os fios e plantar as árvores do tamanho que elas quiserem ter, com o formato que seja a sua fisionomia. E não a fisionomia que a gente quer que ela tenha. Então acho que precisamos tirar fios. Antes de saber onde que pode plantar vamos abrir o horizonte, o espaço, para que elas possam crescer. E vamos adubar, vamos cuidar. Eu não sei se precisa ser com química, mas com nutriente. Talvez seja mais simpático. Obrigada.

Danilo: Então eu retifico o termo parceira para somente parceria. Eu concordo plenamente. A poda é uma entrada de fungo. É que poda é a maior ferramenta, mas nem sempre a melhor, para o manejo de uma árvore. Mas eu concordo plenamente. Se não tivesse a fiação, não teríamos poda de árvore. O problema é que a Eletropaulo é uma concessionária. Ela tem a concessão. E ela tem que manter a energia. Mas ela realmente é de difícil trato conosco.

Fernanda: Não quero fazer um debate aqui, mas eu acho que têm umas coisas que são importantes. Nós queremos tudo barato, sem pagar preço. Tudo tem preço. Se nós decidirmos que os fios serão enterrados, isso tem um custo. Então assim, uma coisa é não querer o fio aéreo. Outra coisa é dizer que o problema é do outro. Não. O problema é nosso. Nós temos que fazer o projeto. Já existe lei que diz que as novas obras públicas têm que prever que na calçada a fiação é enterrada, que a calçada tem que ser não sei que tamanho, que tem que ter a pavimentação X, que tem que ter arborização. É só cumprir a lei nas coisas novas. E a nossa periferia está toda para ser construída, terá rua sendo aberta. Nas operações urbanas terá rua sendo aberta, vai ter calçada sendo alargada, você vai plantar fácil um milhão de árvores. Não precisa fazer conta. É só cumprir a lei nas coisas novas.

Secretário Wanderley do Nascimento: Fernanda, obrigado pela sua observação até. Já é por aí mesmo. Agora, para colocar mais lenha na fogueira, que eu acho que vai ser o

próximo debate, nos esquecemos de outro ingrediente aqui que são as compensações ambientais. Há pouco você ouviu o Nando Reis e uma série de pessoas denunciando o corte de árvores. Se a população assim está reclamando e muito, é que a legislação não vai bem. Costumo dizer que na questão das remoções das árvores para compensação tem toda uma conta de DAP, espécies, mas eu sempre faço a pergunta? Vamos compensar em qual geração? É evidente, se você corta uma árvore centenária, e você vai planta uma muda, em que geração vai ser a compensação? Então essa é uma grande discussão, também, para abrir para a sociedade, na cidade de São Paulo.

Laura Ceneviva: Com a palavra de volta para o Danilo. Vou pedir para você... Não sei o seu nome. Como você se chama? Fabrício, por favor. Aproxime-se. Tome o microfone.

Fabrício G. Violini: Meu nome é Fabrício, e eu sou um voluntário da Rede Nossa São Paulo. E queria fazer uma colocação aqui, que vai bastante ao encontro do que a Fernanda mesmo colocou agora. Uma reflexão entre essa questão do quantitativo de plantio e a manutenção dessas árvores. Sabemos que plantar sempre é muito bom, mas uma vez que botamos a árvore no mundo, a precisamos cuidar dessa árvore. Há anos ouço que se planta anualmente na cidade um milhão de árvores, hoje o inventário mostrou que existem 650 mil árvores. Se de fato fossem plantadas toda essa quantidade teríamos muito mais do que temos hoje. Estive em um Seminário na Câmara dos Vereadores há um mês, lá estavam os técnicos da Secretaria do Verde que apresentaram uma série de números, mas perguntados o quanto de árvores vingavam, não souberam dar algum dado. Estamos falando sempre de quantitativos, mas temos que colocar boa parte dessa energia no cuidado das árvores da cidade.

Laura Ceneviva: Obrigada, Fabrício. Pergunto se você, Danilo, tem alguma consideração final.

Danilo: Não. Só queria realmente, agradecer a todos pela palestra, e os questionamentos também são interessantes e importantes. De fato, o importante é cuidar das árvores, temos que melhorar no quesito de gestão da arborização urbana, mas temos uma teia de leis a respeitar. Tentamos sempre melhorar tecnicamente, por isso é que vamos aos congressos de arborização urbana, para se inteirar do que está sendo feito sobre arborização urbana. Que infelizmente, ainda é muito incipiente no Brasil, não só em São Paulo, no Estado ou em outro. Buscamos trazer as tecnologias que existem, para que possa melhorar a arborização da cidade. Mas no demais, eu gostaria de agradecer a todos.

Laura Ceneviva: Obrigada, Danilo, pela apresentação, todos os dados que você trouxe. Eu queria só para terminar, antes de passar para o último ponto de hoje, pedir aos colegas e aos presentes, se alguém tiver sugestão, pois não temos elementos tampouco referências técnicas que permitam imaginar, o que dirá calcular. Mas imaginar, quanto de carbono um processo de arborização mais controlado sequestraria. Esse é um ponto de pauta que fica na perspectiva nossa. Portanto, já adentrando o último item, que são as sugestões para inclusão de pauta nas próximas reuniões, e fechando esse, como é que podemos quantificar, como podemos usar a arborização no processo de sequestro de carbono. Sabemos que sequestra. Mas quanto? Em quanto tempo? Não sabemos. E se alguém souber de estudos, então que faça as recomendações. Pergunto se além dessa sugestão de inclusão na pauta nas próximas reuniões, alguém tem alguma sugestão? Nós temos já, uma lista de pautas feitas. Pergunto se



alguém tem alguma outra mais. Não? Bom, o que não significa que não possam ser endereçadas sugestões. Agradeço a presença de todos. O secretário tem alguma palavra de fechamento? Então agradeço a todos. Vou passar ao Secretário para fazer o encerramento.

Secretário Wanderley do Nascimento: O encerramento é agradecer a todos pela importância de vocês estarem aqui. Da qualidade das reuniões. Têm sido uma, cada vez melhor do que as outras. Têm colaborado bastante para as políticas públicas, porque acabamos digerindo essas informações, e levando para as nossas Secretarias, e, portanto para o governo e para a cidade. E desde já, um bom Natal. Feliz Natal para todos. Um bom ano. Eu espero que as reuniões sejam cada vez mais acaloradas, no bom sentido, para que saia cada vez mais produtos. Isso é bom para todos nós e para a cidade. Então o meu muito obrigado a todos, e até o ano que vem.

MEMBROS DO COMITÊ PRESENTES

- Fernanda Bandeira de Mello / **Secretaria de Estado de Energia**
- Dirceu Rioji Yamazaki / **Secretaria de Estado de Saneamento e Recursos Hídricos**
- Lillian Sarrouf / **Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo – SINDUSCON-SP**
- Odair Henrique Neto / **Secretaria de Governo Municipal - SGM**
- Marcelo Cesar Betcher / **Secretaria Municipal de Educação - SME**
- Nelson Figueira Junior / **Secretaria Municipal da Saúde – SMS**

MEMBROS DO COMITÊ PRESENTES POR REPRESENTAÇÃO

- Priscila F. Rocha, representando Alfred Szwarc / **Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP**
- Natacha Britscka, representando Alfred Szwarc / **Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP**
- Susete Taborda, representando Marco Antonio Biasi / **Secretaria Municipal de Habitação – SEHAB**
- Flávia Regina Marques Castelhana / **Secretaria Mun. de Relações Internacionais e Federativas - SMRIF**
- Mariana Carriles / **Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo – SINDUSCON-SP**

Wanderley Meira do Nascimento

Presidente do Comitê de Mudança do Clima e Ecoeconomia do Município de São Paulo

Laura Lucia Vieira Ceneviva

Secretária Executiva do Comitê de Mudança do Clima e Ecoeconomia do Município de São Paulo